



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1675932

O cursinho popular Dora Priante enquanto espaço de ensino de uma geografia crítica através da educação popular

Rafael Sena Mota¹

Susane Patrícia Melo de Lima²

Resumo

O trabalho objetivou analisar a intersecção entre geografia crítica e educação popular no contexto do cursinho popular Dora Priante, localizado na metrópole Manaus, Amazonas. A pesquisa assenta-se nos fundamentos metodológicos de base dialética marxista, justifica-se pela necessidade de uma educação emancipatória, contrapondo-se ao modelo "bancário" e valorizando os saberes da classe trabalhadora no contexto de um cursinho popular. Os resultados demonstram que essa articulação fornece instrumentos para uma compreensão transformadora do território, onde o espaço é entendido como produto de relações de poder. Assim, os cursinhos populares se consolidam não apenas como espaços preparatórios para exames, mas como territórios essenciais para a formação de sujeitos conscientes e capazes de intervir criticamente na realidade social em que estão inseridos.

Palavras chave: Geografia Crítica; Educação Popular; Cursinhos Populares.

The Dora Priante Community Prep Course as a Space for Teaching Critical Geography Through Popular Education

Abstract

The purpose of this study was to analyze the intersection between critical geography and popular education in the context of the Dora Priante popular preparatory course, located in the metropolis of Manaus, Amazonas. The research is grounded in the methodological foundations of Marxist dialectics and is justified by the need for emancipatory education, which contrasts with the "banking" model and values the knowledge of the working class within the context of a popular preparatory course. The results demonstrate that this articulation provides tools for a transformative understanding of territory, where space is understood as a product of power relations. Thus, popular preparatory courses establish themselves not only as spaces for exam preparation but as essential territories for the

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas/PPGEO-UEA. Membro do Laboratório de Estudos Humanos em Geografia/LehGeo-UEA, Manaus/Amazonas, Brasil. E-mail: rsm.mge25@uea.edu.br

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas Urbana e Regional/Npur/CNPq. Coordenadora do Laboratório de Estudos Humanos em Geografia/LehGeo-UEA. E-mail: splima@uea.edu.br



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1675932

formation of conscious individuals capable of critically intervening in the social reality in which they are embedded.

Keywords: Critical Geography; Popular Education; Popular Preparatory Courses.

Introdução

A relação ser humano/natureza foi se tornando cada vez mais complexa a medida em que foi acumulando experiências e técnicas para sua sobrevivência enquanto espécie, o ser humano também tornou complexo o seu modo de produzir, gerando contradições, que ao longo de nossa história adotaram diversos nomes e estruturas, porém, esses modos de produção tiveram sempre uma característica em comum: a relação explorador/explorado. O mais complexo modo de produção e vigente atualmente é o capitalismo, um sistema pautado na acumulação e lucro, tornando a desigualdade o motor de seu funcionamento.

Como resultado da dinâmica de acumulação de riquezas e exploração da classe trabalhadora, direitos comuns que o próprio Estado liberal oferece, são negados para a grande maioria das pessoas, sendo assim, a educação, que por sua vez, nem sempre foi um direito garantido a todos, só se tornou abrangente graças a organização e a luta da classe trabalhadora, principalmente após os processos de industrialização que se expandiram pelo mundo.

Uma das faces dessa luta pelo acesso a educação foi a criação de uma educação popular e, posteriormente, visando o acesso ao ensino superior por parte das classes menos abastadas, os cursinhos populares. Essa prática tem raízes fincadas na luta popular, nas mudanças almejadas pela classe trabalhadora e na crítica a realidade social imposta pelo sistema capitalista.

E educação Popular a que o artigo tem como referencial teórico é a Educação Popular com um leito histórico na América Latina, nas suas lutas de libertação nacional do século XX, em pensadores que, a partir de uma pedagogia crítica e com viés emancipatório deram corpo ao que se configura como um movimento de educação popular, a partir da década de 1950, um movimento político, de classe e com perspectivas de emancipação para o povo latino, perpassando por um pensar crítico à colonização, ao capitalismo, aos modelos educacionais institucionais, programas de alfabetização em massa, e diversas iniciativas que tem nessa educação popular pensada por latinos e as necessidades do povo latino seu alicerce, cientistas como Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão no Brasil, Orlando Fals Borda e Lola Cendales González na Colômbia, Oscar Jara no Chile, Maria Saleme de Burnichon na Argentina, os movimentos nacionais de alfabetização em Cuba e na Nicarágua pós revoluções e o pensar da educação zapatista no México são alguns dos exemplos de como *nuestra america* pensa uma educação para si e para os seus a partir de suas próprias necessidades.

Em se tratando de Brasil, os cursinhos populares, uma dos espaços onde a educação popular se apresenta, se formam através de demandas sociais de grupos que se organizavam para lutar pelo acesso à educação, do movimento negro na década de 1950 aos pré-vestibulares populares que contribuem para a preparação de jovens e adultos ao

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1675932

exame do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), é notório que o acesso à educação para a classe trabalhadora ainda aparece como um direito não acessível.

A corrente crítica da geografia compartilha características comuns aos que a educação popular também trabalha enquanto prática: uma crítica contundente ao sistema capitalista igualmente ao repensar a ciência geográfica, enquanto a educação popular faz uma crítica ao que ficou denominado por Paulo Freire (1970) de “educação bancária”, principalmente encontrada nas chamadas instituições de ensino formais, a corrente crítica da geografia questiona o papel quantitativo e meramente decorativo da ciência geográfica, outra característica presente é a influência do marxismo, que, se coloca como base teórica para o repensar a educação e o modo de fazer geografia.

Os cursinhos populares se apresentam como uma possibilidade de práticas educacionais diferentes das apresentadas em espaços formais de educação, devido seu caráter popular e, por vezes comunitário, esses espaços podem ser recursos para apresentar ou trabalhar uma geografia mais ligada a realidade da população trabalhadora, construída juntamente com essa classe. Essa ressignificação perpassa pelo que almeja tanto a corrente crítica da geografia quanto a prática popular de educação: uma educação de transforme, que não se esconda do seu caráter político, que ajude no processo de percepção e entendimento do espaço geográfico, ou espaço social, que auxilie a classe trabalhadora no entendimento enquanto sujeitos de sua própria história.

Neste sentido, ao pensarmos em geografia crítica e educação popular na metrópole Manaus/Am, nos deparamos com a problemática: Como os cursinhos populares em Manaus podem ressignificar o ensino da Geografia, rompendo com a perspectiva tradicional e adotando uma abordagem crítica que revele as contradições do espaço urbano? De que maneira a intersecção entre Geografia Crítica e Educação Popular, nos cursinhos populares, pode contribuir para uma leitura do território que desvele as relações entre concentração de riqueza e a exclusão social em Manaus? A partir da problemática apresentada levantamos os seguintes questionamentos:

- De que maneira os educadores dos cursinhos populares articulam o pensamento geográfico crítico com os princípios freireanos da Educação Popular?
- Os cursinhos populares estão concentrados em áreas centrais ou chegam às áreas periféricas da cidade?
- Que recursos pedagógicos são utilizados para ensinar uma Geografia crítica?
- Os conteúdos abordados questionam a realidade local ou ainda seguem um modelo tradicional de ensino?

Metodologia

Nossa pesquisa tem como foco analisar as similaridades de conteúdos entre geografia crítica e educação popular, tendo como espaço de pesquisa os cursinhos populares da metrópole Manaus, Amazonas, para se aprofundar nessa análise, onde trataremos de cursinhos populares, que, historicamente existem enquanto resultado da organização desigual do sistema capitalista e sua não democratização do acesso ao ensino, nos exige um método que possibilite fazer uma leitura crítica e histórica.

Em se tratando de pensar o método no viés da educação, Pires (1997) contribui:



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1675932

Discutindo a necessidade de o educador brasileiro passar do senso comum para a consciência filosófica na compreensão de sua prática educativa, aponta o método materialista histórico dialético como instrumento desta prática e explica, para isto, a superação da etapa de senso comum educacional (conhecimento da realidade empírica da educação), por meio da reflexão teórica (movimento do pensamento, abstrações), para a etapa da consciência filosófica (realidade concreta da educação, concreta pensada, realidade educacional plenamente compreendida).

Fazendo uma contextualização, a partir da leitura de Hegel, Marx traçou críticas apontando as limitações do idealismo da dialética de Hegel. Para Marx, havia a necessidade de transformação do mundo.

Para Marx, a dialética compreende necessariamente a noção de movimento na História. Esse movimento ocorre quando, na confrontação de tese e antítese, a síntese contém aspectos positivos da tensão anterior, e apresenta-se como estágio superior que, por sua vez, se coloca também como uma nova tese. A História é a única ciência que deve existir, superando-se a divisão das ciências, que faz com que se tenha sempre uma visão parcial da sociedade (Sposito, 2002).

Marx, através de estudos de diversos filósofos, historiadores e inúmeros cientistas desenvolveu uma análise sobre a dialética que mudou a concepção das ciências humanas a partir de então. Em sua análise, homens e mulheres são sujeitos ativos perante a história, tendo capacidade de interferir e, principalmente de transformá-la.

O Marxismo passou a ser a base teórica para diversas mudanças desde então, e, a partir da década de 1970, a geografia crítica, surgida na França, tem no marxismo influência decisiva na gênese e desenvolvimento dessa vertente, pois trouxe influências teórico-metodológicas e ideológicas.

É sob o viés do método dialético que a pesquisa será desenvolvida, uma vez que a dialética permite compreender as contradições e complexidades, tanto da corrente crítica da geografia quanto da educação popular e dos cursinhos populares, de forma crítica e histórica.

Objetivos

Objetivo geral

Analisar a intersecção entre geografia crítica e educação popular nos cursinhos populares na metrópole Manaus, Amazonas. Tendo como recorte específico, o Cursinho Popular Dora Priante.

Objetivos específicos;

- Analisar a relação entre geografia crítica e educação popular;
- Analisar o Cursinho Popular em si, como uma reação a desigualdade social e a exclusão da classe trabalhadora no acesso a educação;
- Descrever os processos teórico-metodológicos do ensino de geografia no



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1675932

Cursinho Popular Dora Priante.

Referencial Teórico-conceitual básico

A educação popular é a base para os processos didático-metodológicos dos cursinhos populares. Historicamente, essa prática educacional tem como protagonistas os trabalhadores, classe oprimida dentro do sistema capitalista, se assume política, como toda educação é, porém, a educação popular se coloca no campo das lutas de uma classe, visando sua emancipação.

Suas práticas político-pedagógicas inseridas em contextos histórico, territorial, cultural e social tem por objetivo uma transformação política da realidade, de caráter popular, organizativa, com consciência crítica através da valorização do saber popular e incorporação dos elementos territoriais e culturais.

Partindo do princípio de que o acesso à educação é um direito comum a todos e todas. Por concepção de educação popular, entende-se:

A educação popular como uma concepção geral da educação, via de regra, se opõe à educação de adultos impulsionada pelo Estado, e tem ocupado os espaços que a educação de adultos oficial não levou muito a sério. Um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia, baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana, problematizando-o, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a também, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário. (Gadotti, 2012, p. 7)

Em se tratando de América Latina, e, mais especificamente de Brasil, a educação se desenvolve como resposta por parte da classe trabalhadora a um contexto histórico violento e desigual marcado pelo imperialismo, colonialismo, industrialização, interesses internacionais e a própria lógica de acumulação do modo de produção capitalista, onde Brasil e América Latina são relegados ao papel de exportadores de matéria-prima. Conforme Frigotto:

Florestan Fernandes (1981 e 1975) destaca que a burguesia brasileira não efetivou um projeto societário na forma clássica das revoluções burguesas e, como tal, nunca lutou por um projeto nacional. A opção foi por associar-se de forma subordinada aos grandes centros hegemônicos do capital em detrimento do desenvolvimento autônomo e soberano da nação e de seu povo. Forjou, assim, um projeto de capitalismo dependente que combina altíssima concentração de propriedade e de riqueza e produção ampla de pobreza e miséria. (Frigotto. 2014, p. 5).

Todos esses processos contribuíram para uma educação não democrática, que exclui a classe trabalhadora, não lhe permitindo ou dificultando seu acesso a esse, hoje um direito garantido. Porém, todo esse cenário sempre foi acompanhado de resistência e organização como resposta das camadas populares e empobrecidas desde as lutas contra os colonizadores europeus, passando por lutas pela independência e eleições de líderes



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1675932

populares e progressistas. Em todos esses processos foram apresentadas formas de lutas por parte da classe trabalhadora.

A prática de educação popular ganha força no século XX, na América Latina, no bojo das revoluções e nos movimentos por libertação nacional, pois, sua ligação umbilical com o projeto de emancipação do povo permitiu ser base para os projetos educacionais que viriam a ser pensados pós revolução sandinista, na Nicarágua, e na revolução cubana, por exemplo, pois, em se tratando de uma educação para a mudança, em *Crítica da Educação e do Ensino* (MARX; ENGELS, 1978) explicitam que a educação possui um caráter de acordo com o projeto que se quer e é construída nas e das relações sociais, podendo servir a um modelo que reproduz o que as classes dominantes querem, ou, para uma mudança almejada pela classe trabalhadora.

No Brasil, a referência em se tratando de educação, e, mais especificamente de educação popular, é Paulo Freire, patrono de educação brasileira e com amplo histórico internacional de contribuição para uma educação que visava a transformação, a emancipação. Segundo Gadotti:

As possibilidades de futuro da educação popular são enormes e suas intuições originais estão presentes, como a obra de Paulo Freire, em muitas práticas educativas, entre eles: a ênfase nas condições gnosiológicas da prática educativa; a educação como produção e não meramente como transmissão do conhecimento; a luta por uma educação emancipadora que suspeita do arbitrário cultural o qual, necessariamente, esconde um momento de dominação; a defesa de uma educação para a liberdade, precondition da vida democrática; a recusa do autoritarismo, da manipulação, da ideologização que surge também ao estabelecer hierarquias rígidas entre o professor que sabe (e por isso ensina) e o aluno que tem que aprender (e por isso estuda); a defesa da educação como um ato de diálogo no descobrimento rigoroso, porém, por sua vez, imaginativo, da razão de ser das coisas; a noção de uma ciência aberta às necessidades populares e um planejamento comunitário e participativo. (Gadotti, 2012, p. 25).

Os cursinhos populares enquanto espaços onde a prática popular de educação se desenvolve passaram a ser uma resposta de forma organizativa a falta de democratização ao acesso à educação, principalmente a educação superior. Esse modelo de cursinho encontrou no Brasil e na América Latina uma realidade onde as classes trabalhadoras veem na educação uma saída ou forma de melhoria material dentro da sociedade. Conforme Castro:

Falar de Cursinhos Alternativos e Populares na atualidade brasileira significa levar para o centro do debate a problemática histórica das classes menos favorecidas em nossa sociedade. Essa é uma questão construída historicamente por meio da apropriação social do trabalho dos que só têm a venda deste recurso como possibilidade de obtenção das condições mínimas de sobrevivência com dignidade. (Castro, 2005, p. 14).

Os cursinhos populares se propagaram nas periferias do Brasil, a partir da década de 1950, com o movimento negro, e, com o passar dos anos, se popularizou com diversos tipos de intencionalidade, a mais comum é a de pré-vestibular, preparando jovens e



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1675932

adultos que não possuem condições econômicas de pagar por um cursinho privado de se prepararem para os exames vestibulares. O modelo de cursinho popular vem com uma proposta anti-mercadológica de educação, e, ao rejeitar a ideia de que a educação é mercadoria, se coloca como uma ferramenta de luta pelo acesso e pela democratização do ensino no Brasil.

A história dos cursinhos populares é consequência do próprio desenvolvimento do capitalismo e da luta de classes no Brasil. É uma das tantas formas assumidas de resistência popular, na qual a classe trabalhadora exerce, através da educação, uma prática libertadora, e a partir da realidade imediata das famílias e dos territórios, demonstra o potencial da organização popular e a necessidade de transformações estruturais na realidade brasileira. (Podemos Mais, p. 06, 2022).

Nesse contexto e nos espaços dos cursinhos populares se torna possível aliar os questionamentos da corrente crítica da geografia com as práticas de educação popular apresentadas, já que, tanto a corrente quanto a prática partilham da crítica ao sistema que oprime a classe trabalhadora e a perspectiva de, através do ensino, serem ferramentas para uma mudança social protagonizada pelo sentimento popular.

A partir dos anos 70, diversos geógrafos que tinham o marxismo como base, passam a refletir sobre o caráter da ciência geográfica em si, pautando debates com críticas, principalmente as questões teórico-metodológicas, ao excesso de quantificação da geografia, e a postura “neutra” da ciência parente as questões sociais. Diversos nomes foram atribuídos, “Geografia Radical”, “Libertária” e “Crítica”, essa corrente aglutina diversos tipos de questionamentos, sejam eles sociais ou da validação dos saberes científicos. Conforme Moura (2008):

A geografia crítica sucede a corrente do pensamento geográfico denominada nova geografia ou geografia quantitativa, que surgiu durante a Guerra Fria, em meados do século XX, na Inglaterra, Estados Unidos e Suécia – corrente que, pautada em métodos quantitativos, encobria o compromisso ideológico de justificar a expansão capitalista sem exprimir a essência da realidade social. É nesse contexto de dominação pelo uso ideologizado da informação, assim como de agravamento das tensões sociais nos países centrais e movimentos por independência nos países subdesenvolvidos, que a geografia crítica emerge como uma corrente que se opõe à quantitativa.

O interesse dos geógrafos pelas obras de cunho socialista ressurgiu na Europa após a segunda Guerra Mundial. Conforme Andrade (1987), os trabalhos desses geógrafos eram estimulantes e demonstravam progressos significativos. Porém, com a invasão da Hungria pelas tropas soviéticas, em 1956, grande parte desses profissionais se afastou do marxismo, ao mesmo tempo em que se iniciaram contatos com outros segmentos profissionais (Moura, et al. 2008).

A Geografia escolar vai ser fortemente impactada pelo avanço da corrente crítica, que a partir de então não será mais voltada apenas para memorização de coordenadas geográficas, ou para nomes de rios e capitais, mas agora tem seu potencial questionador e crítico da realidade vivenciada pelos educandos e educandas.

ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1675932

[...] a Geografia enquanto Ciência que busca compreender a organização do espaço nas suas variadas interações socioambientais e antrópicas, contribui para a compreensão dos estudantes sobre a realidade vivida, assim, surge nos cursinhos preparatórios como uma disciplina fundamental na construção de debates e reflexões sobre diversos temas [...] (Sousa, Neco e Viana, p. 4, 2019).

Neste sentido, ao articular Geografia Crítica nos cursinhos populares, estes reforçam sua prática emancipadora para além de preparatórios para o vestibular, mas espaços que antes de tudo se discute a leitura do mundo, entendendo que o espaço não é neutro e, portanto, pode ser moldado e transformado.

Etapas da pesquisa

- Levantamento de dados primários a partir de entrevistas semi estruturadas com coordenação e o/a professor/a de geografia do Cursinho Popular Dora Priante;
 - Transcrição das entrevistas para documento em editor de texto;
 - Análise das respostas de acordo com a leitura bibliográfica;
 - Abordagem qualitativa;
 - Procedimento: Pesquisa de campo;
 - Técnicas de coleta: pesquisa bibliográfica, pesquisa eletrônica, entrevista semi estruturada
- Sites de pesquisas: pesquisa de periódicos;

Resultados e/ou impactos esperados

- A Hipótese de que a educação popular e a geografia crítica podem apresentar novas formas de abordagem dos conteúdos para o ensino de geografia;
- A Hipótese de que há uma intersecção de conteúdos entre a geografia crítica e a educação popular;
- Espera-se que essa pesquisa contribua para uma maior visibilidade dos cursinhos populares espaços para alternativas educacionais.

Considerações finais

Ao investigar e analisar como um cursinho popular funciona, suas bases teórico metodológicas e políticas, aprofunda-se na materialidade de como a Educação Popular se desenvolve em um dos espaços voltados e fincados em pensar uma Educação crítica e emancipatória.

O questionamento e a crítica são instrumentos de transformação social, buscando diálogo entre teoria e prática ou tentativas nesse sentido. Deste modo, ao analisar a intersecção entre Geografia Crítica e Educação Popular nos cursinhos populares em Manaus, Amazonas, compreendemos que ampliamos o entendimento sobre a epistemologia da Geografia, mas também avançamos na compreensão do espaço e território em que os cursinhos populares estão inseridos e como estes abordam uma geografia capaz de ampliar a visão dos educandos e educadores sobre o espaço, e não o



ISBN: 978-65-272-2671-0

DOI: 10.29327/9786527226710.1675932

enxerguem como fracionado, mas como algo articulado e moldado por forças maiores que detém o poder.

Por fim, ao articular Geografia Crítica e Educação Popular, este projeto reforça que os cursinhos populares são mais que preparatórios para o vestibular, são territórios onde se discute a leitura do mundo para transformá-lo.

Referências

CASTRO, Clovis Alexandre de. **Cursinhos alternativos e populares: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino superior público no Brasil**. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia). UNESP, São Paulo.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42ª edição.

FRIGOTTO, G. **Conjuntura 2014: desafios para uma cidadania ativa**. Disponível em. Acesso em 20 jul. 2025.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo. Proceedings online... Associação Brasileira de Educadores Sociais, Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092012000200013&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 19 julho. 2025.

PIRES, M. F. C. **O materialismo histórico-dialético e a Educação** Interface Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.

PODEMOS MAIS. Cartilha da Rede de Cursinhos Populares Podemos Mais. **Como construir um cursinho popular?** 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, razão e emoção**. - 4. Ed. 9. Reimpr. – São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **Crítica da educação e do ensino**. Lisboa: Moraes, 1978.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Geografia: Pequena História Crítica**. 19 ed. São Paulo: Annablume, 2003.

MOURA, Rosa; OLIVEIRA, Deuseles de; LISBOA, Helena dos Santos; FONTOURA, Leandro Martins, GERALDI, Juliano. **Geografia Crítica: legado histórico ou abordagem recorrente?** Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XIII, nº 786, 20 de julho de 2025. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-786.htm>>. [ISSN 1138-9796].



ISBN: 978-65-272-2671-0 DOI: 10.29327/9786527226710.1675932

SOUSA, José Átila Abreu de. NECO, Alana Sales. VIANA, Mário Marthins. **Ensino de geografia em cursinhos populares: contribuições para além do conteúdo no projeto novo vestibular.** Disponível em:

<https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_COMPLETO_E_V174_MD1_ID11449_TB4093_05122022110856.pdf>. Acesso em 20 de julho de 2025.